



## PROCESSOS (TRANS)FORMATIVOS COM AS ARTES E AS CIDADES: CIRCUITO SENSIBILIDADES COMPARTILHADAS

### (TRANS)FORMATIVE PROCESSES WITH THE ARTS AND THE CITIES: SHARED SENSIBILITIES CIRCUIT

Deisimer Gorczewski<sup>1</sup>  
PPGArtes-UFC/LAMUR|CNPq|UFC  
**Associada ANPAP: não**

lucas lins<sup>2</sup>  
PPGO-UFPE/LAMUR|CNPq|UFC  
**Associade ANPAP: não**

#### RESUMO

Essa escrita convida ao encontro entre as artes e as cidades com o desejo de intensificar proposições poéticas e políticas com processos (trans)formativos que ativem modos de existência, sejam eles singulares e/ou coletivos, no cotidiano das cidades. Com exercícios teórico-metodológicos permeados por um diálogo com os recentes estudos da onto-epistemologia, o pesquisar com se faz, aqui, em gesto de habitar o entre e, pela poética do convívio, tecer vizinhanças, mapeando e ocupando espaços comuns com experimentações artísticas e trans(in)disciplinares. As Fortalezas Sensíveis nos provocam a pensar e operar múltiplas possibilidades de fazer-cidade e de fazer-arte, e, assim, nos fazem compreender as cidades como um movimento de/em/com artes, de modo que partimos de gestos que buscam se atentar às poéticas e ao sensível do fazer com.

**Palavras-Chave:** Artes. Cidades. Processos (trans)formativos. Trans(in)disciplinar.

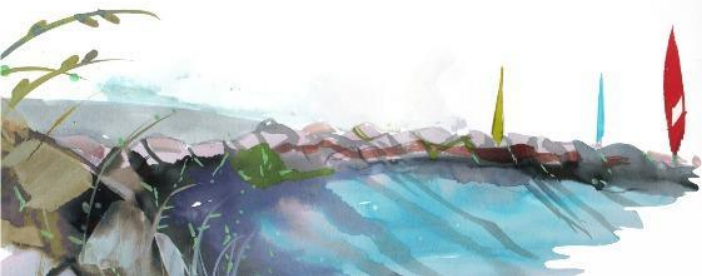
#### ABSTRACT

*This writing invites a gathering between the arts and the cities with the desire to intensify poetical and political propositions with (trans)formative processes that activate modes of existence, be it singular and/or collective, in cities' daily life. With theoretical-methodological exercises permeated with a dialogue with recent studies in onto-epistemology, the act of research with makes itself, here, in gesture of inhabiting the in-between and, through the poetics of conviviality, weave vicinities, mapping and occupying common spaces with artistic and trans(in)disciplinary experimentations. The Sensitive Fortresses provoke us to think and operate multiple possibilities of city-making and art-making, and, thus, make us comprehend the cities as a movement of/in/with arts, in a way that we depart from gestures that seek to be attentive to the poetics and to the sensitive of making with.*

---

<sup>1</sup> Pesquisadora e docente com estudos em artes, micropolíticas urbanas, intervenções audiovisuais, cartografia e processos de criação coletiva e colaborativa, no PPGArtes|ICA|UFC. Atualmente realiza pós-doutorado em Artes Visuais na UFRGS. Coordena o Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas (LAMUR|CNPq|UFC). Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/8038568167789231>>.

<sup>2</sup> Bacharel em Oceanologia (FURG), mestre em Artes (UFC), especialista em Formação para Energias Renováveis (CENTEC), especializante em Oceanografia Socioambiental (UFPE), e poeta. Integra a equipe dos Laboratórios MARéSS (FURG) e LAMUR (UFC). Currículo Lattes: <<https://lattes.cnpq.br/3979647613248546>>.



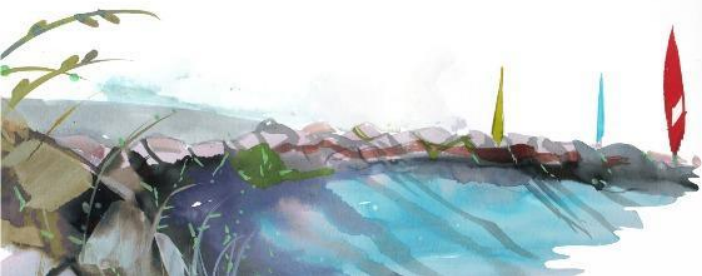
**KEYWORDS:** Arts; Cities; (Trans)formative processes; Trans(in)disciplinary.

## **Para início de conversa, um (des)começo**

Com a pesquisa *Fortalezas Sensíveis: Processos (trans)formativos com as artes e as cidades*, instigamos um convite ao encontro com as cidades que habitamos e as multiCidades que nos habitam. Conviver com as cidades nos impele a pensar|sentir as movências e suas intensidades, as mudanças previstas e repentinas, desde a variação das temperaturas, dos ventos, das nuvens, dos rios, dos mares, da terra e suas implicações, dos vazios<sup>1</sup> urbanos, dos odores, das sonoridades, das construções cada vez mais verticais e das ruínas que, feito rizoma, seguem se alastrando, sem falar das presenças e ausências, das memórias e dos apagamentos, daquilo que se expande e irrompe no visível e do que resta no invisível, até o que nos provoca a pensar e operar entre arte e vida, arte e cidade, espaço|tempo urbano e comum, cidade e universidade e a produção de subjetividades, envolvendo processos de criação coletivos e colaborativos.

Nossas proposições envolvem experimentações com o habitar territórios firmes que podem desmoronar, andar com ruas fluídas e o olhar atento, vestir temores e sorrisos para um mesmo evento, ouvir o canto dos passarinhos enjaulados, sentir-se fortes frente a grandes monstros e, quem sabe, concordar com Manoel de Barros (2013, p. 323) ao sugerir que “[a] força de um[(a)] artista vem de suas derrotas”. As ambiguidades evidenciam a complexidade e as imperfeições que nos constituem e, assim, fazem dos tempos que atravessamos (e que também nos atravessam), e dos espaços por onde passamos e nos quais permanecemos, tão complexos e imperfeitos como os modos de existir|resistir|desistir<sup>2</sup> que nos instigam a nos inventarmos *fortalezas sensíveis*, e a criarmos uma espécie de constelação de desejos que se quer capaz de reluzir afetos em tempos de brutalidades.

Partimos das ruínas como modo de invenção|intervenção nas transversalidades do que é próprio do coletivo e colaborativo. Fazer da ruína um gesto é operar tanto no desfazimento do que está posto – no entendimento de desconstrução daquilo que, de



outro modo, sempre se achou fixo –, quanto na rega do que já brota e faz brotar, a partir dela mesma, outros modos de habitar. Inventar novas palavras e intervir, junto com elas. As cidades como ruínas são espaços múltiplos porque se constroem nas mudanças, no fluxo da memória, que é matéria tanto quanto os tijolos.

São múltiplas as formas de fazer cidade, tal como são múltiplas as formas de fazer arte, e, assim, percebendo as cidades como um movimento de/em artes, partimos de gestos que buscam se atentar às poéticas e ao sensível do *fazer com*, do que é *simpoiético*<sup>3</sup>, isto é, “um sistema de produção coletivo no qual o controle e as informações são compartilhadas com todos os seres que o compõem, (...) um fazer-se-com contínuo” (Garcia, 2022, p. 346).

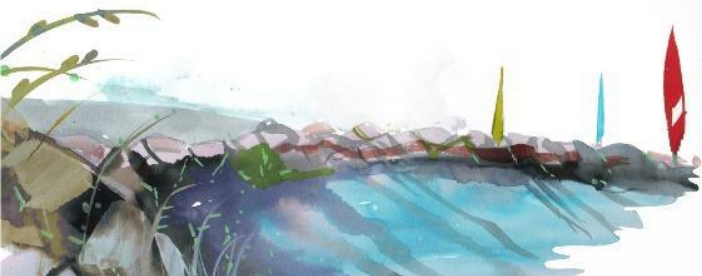
Os percursos das pesquisas anteriores<sup>4</sup> nos oferecem pistas e aprendizados, como o pluralismo da palavra Cidade(s) em modo de operar a descentralização do território geopolítico e existencial que demarca o Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas (LAMUR|CNPq|UFC)<sup>5</sup> e a própria cidade de Fortaleza, ampliando os sentidos das *fortalezas sensíveis* que trazemos em nossas pesquisas e intervenções.

## **Arte e convívio, uma (des)continuidade**

Nossas travessias entre as pesquisas envolvendo intervenções e escritas com as cidades aconteceram por afecções<sup>6</sup> e afetos, como convites feitos e/ou aceitos nos percursos com pessoas pesquisadoras, artistas, educadoras, implicadas em processos (trans)formativos. Nos estudos de Paulo Freire (2020), bell hooks (2013) e Humberto Maturana (1991; 1993), foi possível aprender em coletividades, criando espaços de convivência. Nas palavras de Maturana,

[a] tarefa d[a pessoa] educador[a] é criar um espaço de convivência para o qual se convida o outro, de modo que o outro esteja disposto a conviver conosco, por um certo tempo, espontaneamente. E nessa convivência, ambos, educador[ies] e aprendiz[es], irão transformar-se de maneira congruente (Maturana, 1993, p. 32).

Se, no século XX, o surgimento de formações em Artes nas universidades vê artistas-professorias e estudantes-artistas constituindo redes de conversações (Andrade et al., 2002) que comportam não apenas relações de trabalho marcadas por demandas



institucionais, mas também podendo se constituir de conversações acadêmico-científicas dedicadas à aprendizagem e à *poiesis*, questiona-se, então, o lugar do artista na universidade. Ricardo Basbaum analisa que

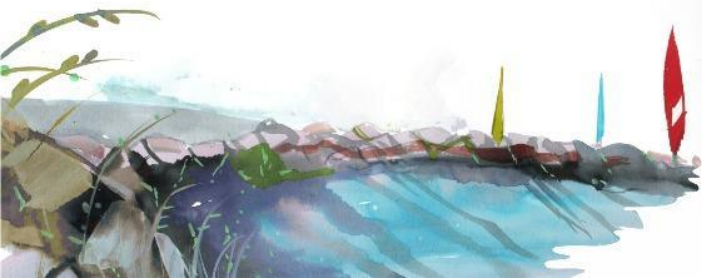
[n]ão é tarefa simples (...) construir um espaço de pesquisa em artes, na universidade, que mantenha em aberto os canais com o circuito de arte: há escassez de conexões preparadas para conduzir as ligações entre um e outro setor, com a flexibilidade necessária (Basbaum, 2013, p. 200).

Pensar os processos (trans)formativos que acontecem na convivência é também questionar: *o que se inventa ao caminhar?* Nessas andanças, foi possível encontrar pistas afirmando a indissociabilidade entre arte|convívio, a partir das afecções, afetos e processos de singularização que resultaram das pesquisas e intervenções poéticas e políticas<sup>7</sup>. Assim, Oliveira, Gonçalves e Gorczewski afirmam as *Artes* e o *Convívio* como ato político que deseja

[...] impulsionar a vida, a vida da pesquisa em artes, a vida das pessoas livres e lúdicas e acionar processos democráticos em que todes estão apt[e]s a participar. Sabemos que os problemas que envolvem a sociedade brasileira não podem ser resolvidos em sua complexidade por proposições artísticas, no entanto, podem gerar afetos e criar outros espaços-tempos que, por sua vez, podem ampliar a partilha, fortalecer o convívio e reinventar a vida com proposições artísticas, sociais e políticas (Oliveira, Gonçalves & Gorczewski, 2022, p. 10).

O gosto por caminhar com as cidades e a universidade, ao longo dos anos, foi intensificado, emergindo daí diversos processos (trans)formativos associados aos sentidos que nos impulsionam à vida, à criação, à invenção de si e do mundo. Tais processos, embora singulares, convergem na criação de redes de convívio e conversações. A criação coletiva é um convite a experimentar o imprevisível: é algo que solicita abertura e disposição ao encontro com o “outro como legítimo outro, na convivência” (Maturana, 2009, p. 22), tendo presente uma coletividade

no sentido de uma multiplicidade que se desenvolve para além do indivíduo, junto ao *socius*, assim como aquém da pessoa, junto a intensidades pré-verbais, derivando de uma lógica dos afetos mais do que de uma lógica de conjuntos bem circunscritos (Guattari, 1992, p. 20).



Nas andanças com o pesquisar e intervir com, inventam-se mapas sensíveis e fugazes com intensidades partilhadas e desenhadas por cartografias múltiplas, permeáveis e inacabadas. Nas errâncias, é possível se tornar vulnerável às interferências do espaço, além de caminhar com ele, sujeito e agenciador de afetos e micropolíticas<sup>8</sup>, o que concebemos como processo metodológico de um *fazer com*.

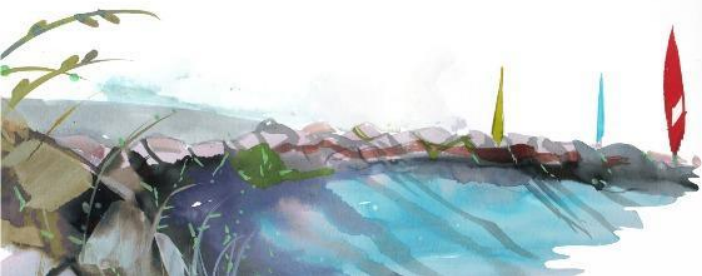
Pensamos esse *fazer com* enquanto ato de criação composto e atravessado pelas multiplicidades, atento ao cuidado (de si, de outres) como prática de atenção à coletividade. Interessa-nos não propriamente a multilocalidade das/nas cidades, mas as multipliCidades: aquilo que está *no* e que é *o* entre, na urdidura do que se compõe.

Que outros sentidos, sensibilidades, e escutas precisamos e estamos *em feitura*? Essa é a prática que desejamos frente à ruína da linguagem ocidental.

(...) um dos primeiros efeitos do Antropoceno, além evidentemente dos eventos climáticos extremos que já são visíveis por todo o globo terrestre, é, na “cultura ocidental”, que *ninguém sabe realmente o que fazer*, o que pensar, o que comer ou *não* comer, onde pisar ou não pisar, como reocupar os espaços, como resistir, como fazer política, o que é a política (os que o sabem com muita segurança, eu diria que há uma grande probabilidade de estarem iludidos). De repente, todos os nossos conceitos (...) parecem ter entrado em uma *zona problemática*. Tornam-se eles mesmos *problemas* (...) Tudo parece deslocado, fora de escala, impreciso para dar conta do que presenciamos, daquilo que esperamos e daquilo que esperamos que não aconteça. Por isso, o melhor que podemos fazer neste momento é tentar colocar questões, imaginar, experimentar conceitualmente, sem respeitar limites disciplinares, e sempre sabendo que é preciso aprender com a Terra, com aquel[u]s que aprendem *desta Terra, nesta Terra, para esta Terra*” (Danowski, 2019, p. 85).

Esse *pesquisar com* se faz no gesto de habitar o entre e, na poética do encontro, tece vínculos urgentes não como “resposta” às questões climáticas (imbricadas que estão com crises de diversas instâncias, dentre elas, uma crise civilizacional), mas como presença, fazendo perguntas e aprendendo a atravessar no próprio passo da travessia, em exercício trans(in)disciplinar<sup>9</sup>.

Os processos se fazem (e nos fazem) não apenas em seu caráter formativo, mas, ainda, transformativos, por entendermos tal ruína do estado de coisas. O prefixo *trans* aparece para além da mera transformação ou transição<sup>10</sup>, pois, como processo,



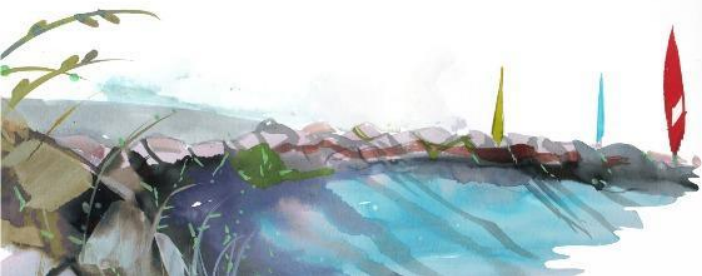
elabora-se pelo lugar da metamorfose. Arruinar as palavras é mais do que transicionar termos e conceitos a uma outra construção, mas, entrando na própria *carne* e habitando junto aos músculos e ao fluxo sanguíneo, faz-se no aprender com, inventar com outros possíveis que estejam atentos ao cuidado necessário às afecções e afetos.

Perguntamos-nos, então, para aprender com: como os processos (trans)formativos com as artes e as cidades podem instigar *Fortalezas Sensíveis* de modo que ativem encontros poéticos e políticos ao tensionar limites e aproximações entre territórios geopolíticos e existenciais? Com essa pergunta, buscamos (nos) provocar, mais que respostas, deambulações pelas multiplididades, na busca de escutar as singularidades de viver|conviver com espaços opacos e esquecidos das cidades e suas questões e problemas a serem debatidos, afirmando a ação comunitária como plano de intervenções, assim como os próprios processos (trans)formativos enquanto política de existir|resistir|desistir.

### **Circuito Sensibilidades Compartilhadas, um (des)caminho**

A proposição do Circuito Sensibilidades Compartilhadas surgiu durante a preparação do VI Seminário Internacional das Artes e seus Territórios Sensíveis (SIATS)<sup>11</sup>, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGArtes) da Universidade Federal do Ceará (UFC), em novembro de 2024, sendo o LAMUR|CNPq|UFC um dos organizadores.

No mesmo período de preparação do Seminário, participantes do Laboratório estavam envolvidos com a realização da pesquisa e, em especial, com a criação de espaços de convivência – rodas de conversa, oficinas e experimentações com materialidades visuais e sonoras –, colaborando com a realização de uma primeira fase do projeto “Circuito de Espaços de Memória Comunitária e Cultura Viva + Farol do Mucuripe”, uma proposição do Plano Popular da Zona Especial de Interesse Social (ZEIS) Cais do Porto (Titanzinho e Estiva)<sup>12</sup>, documento organizado por moradorias que atuam, entre outros coletivos e colaboradores, na Associação de Moradores do Titanzinho e



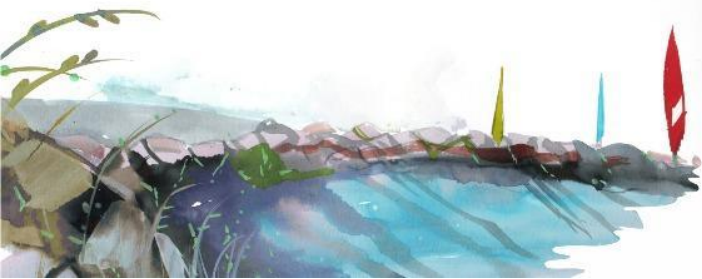
na Comissão Titan, no bairro Serviluz, em Fortaleza. No texto do Plano Popular, mais especificamente no item de Desenvolvimento Cultural, detalha-se a proposição de

criação de um museu popular comunitário e aberto na comunidade, que aqui preferimos chamar de Espaços de Memória Comunitária e Cultura Viva. Estes espaços estariam organizados na forma de um circuito dinâmico, interativo e polinucleado, no qual o visitante e os moradores poderiam conhecer durante caminhadas pela comunidade. Um museu a céu aberto que rompe com os formatos tradicionais afirmando o bairro e as experiências de seus moradores como memória viva presente nos trajetos cotidianos, nas ruas, becos, praias, praças e no Farol do Mucuripe (Plano Popular ZEIS Cais do Porto, 2023, p. 97).

Considerando a força dos acasos – entre as temáticas e ações de preparação do seminário e da proposição das pessoas moradores com a colaboração do Laboratório –, realizamos o convite a moradorias para participarem do SIATS na proposição do Circuito Sensibilidades Compartilhadas, afirmando, ainda mais, que “aprender é aprender com, criar os laços e os dispositivos que permitam aprender com as populações interessadas e não sobre elas”, como atenta Isabelle Stengers (2022, p. 25), no fortalecimento político e afetivo junto aos moradores e moradoras do bairro Serviluz e do entorno do Farol do Titanzinho|Mucuripe, onde, desde 2011, iniciamos o pesquisar e intervir com<sup>13</sup>.

Localizado na orla de Fortaleza (CE), o Serviluz está entre duas das mais conhecidas praias da capital (a Praia do Futuro e a Praia do Mucuripe), sendo uma região de grande interesse da especulação imobiliária. Como bairro que resiste incansavelmente às ameaças das políticas de remoção, sem surpresas, não se encontra presente no mapa da cidade com o nome reconhecido e praticado por seus e suas moradoras. “Oficialmente, essa comunidade não existe como bairro na administração pública municipal” (2015, p. 143), conta André Aguiar Nogueira, historiador e morador do bairro. No mapa administrativo, esse mesmo território aparece como Cais do Porto. Os estudos de Nogueira (2006; 2015), além de trazer as histórias de vida de moradorias, partilham suas lutas e modos de resistir ao longo dos anos, assim como a história do nome do bairro:

SERVILUZ era o nome do antigo Serviço de Luz e Força de Fortaleza, empresa geradora de energia elétrica construída em 1954. Após a



desativação da usina, tornou-se também o nome popular da pequena “favela” que a cercava, sendo nessa denominação que seus moradores passaram a se reconhecer. “Aqui é o Serviluz: de dia falta água e de noite falta luz”, dizia uma antiga anedota local que denunciava a inexistência de energia elétrica, por longo tempo, nos domicílios que se localizavam ao lado da usina (Nogueira, 2015, p. 143).

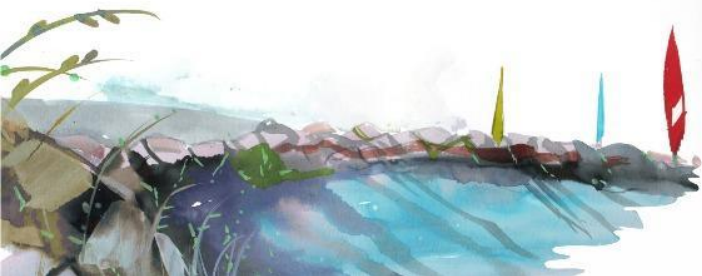
Considerando um modo de viver e conviver com muitas precariedades – como no saneamento básico e coleta de lixo –, a força dos moradores e moradoras se faz presente tanto nos modos de organização comunitária e cultural, em associações e coletivos, como nas ações de cuidado e atenção ao bairro e aos modos de *lembrar de não esquecer* o que importa, preservando as memórias coletivas e singulares. Como afirma Ecléa Bosi (2003, p. 73), “os bairros têm não só uma fisionomia como uma biografia”, algo que também pode ser observado no processo de composição das ações culturais do Plano Popular, tendo como um dos objetivos “[g]arantir o reconhecimento das intervenções culturais que acontecem nas ruas, becos, praias, praças da comunidade, e [a] valorização das práticas comunitárias e espaços de memórias e afetos dos moradores” (Plano Popular ZEIS Cais do Porto, 2023, p.15).

### **Farol do Titanzinho|Mucuripe, um (des)aparecimento<sup>14</sup>**

Conhecido como Farol Velho, um dos “olhos do mar”, o Farol do Mucuripe homenageado em letras de músicas<sup>15</sup>, cordeis, poesias, livros e, inclusive, presente no brasão e na bandeira do estado do Ceará, é um dos patrimônios culturais mais antigos da cidade, desde sua inauguração em 1846, figurando como um dos principais pontos turísticos da cidade.

A história do Farol, construído ao longo de anos por pessoas escravizadas, confirma os estudos de Moassab (2013), para quem os monumentos, a arquitetura, a ocupação dos territórios e as consequentes demarcações simbólicas e, inclusive, as políticas de preservação, atuaram e seguem atuando como estratégias de dominação.

As cidades e vilas do país foram criadas como estratégia de dominação, a partir do litoral rumo ao interior. Internamente, no que diz respeito ao desenho urbano, os quadrantes centrais e mais elevados eram inexoravelmente destinados às estruturas de poder,



onde foram construídas igrejas, fóruns, prefeituras, cadeias, fortificações (Moassab, 2013, p. s/n).

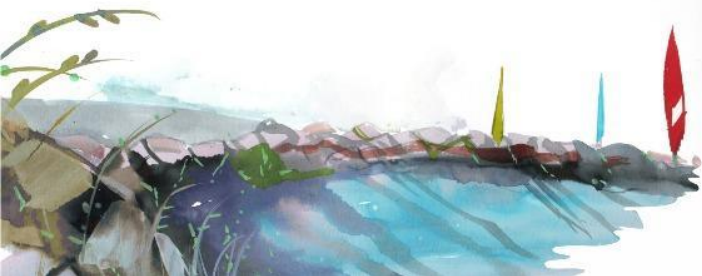
Desativado em 1958, o Farol foi tombado<sup>16</sup> pela Divisão do Patrimônio Histórico e Artístico da Secretaria Estadual de Cultura do Ceará em 1983, até ser novamente desativado nos anos 1990 e, posteriormente, inaugurado com outra funcionalidade: o Museu do Jangadeiro, fechado em 2007<sup>17</sup>. A Secretaria de Turismo do Estado (Setur) manteve um vigia trabalhando no local, por mais três anos<sup>18</sup>, posteriormente o deixando ao léu, em completo descaso e indiferença por parte dos órgãos responsáveis nas esferas de governo municipal, estadual e federal.

A comunidade do Serviluz, porém, sabia que era necessário continuar ativando e ocupando o Farol, atribuindo-lhe outras práticas, outro espaço na memória e nos afetos do bairro, como sessões do Cine Ser Ver Luz e da Mostra AudioVisual do Titanzinho<sup>19</sup>, o Sarau Roots, a limpeza do entorno do Farol e plantio de mudas<sup>20</sup>.

Ora, tod[e]s sabemos (...) que um edifício não é um objeto estático, mas um projeto em movimento, e que mesmo uma vez construído, ele continua a ser transformado pelos seus usuários, a ser modificado tanto pelo que acontece no interior como no exterior, e que ele desaparecerá ou será renovado, ou transformado e alterado até ficar irreconhecível (Latour e Aynena, 2017, p. s/n).

Em meados de 2021, a situação do Farol foi mesmo ficando irreconhecível, exigindo de participantes da Associação dos Moradores do Titanzinho e da Comissão Titan uma atitude ainda mais contundente em relação à preservação do patrimônio e, principalmente, das vidas de moradores e moradoras que circulam no entorno. Com os laudos da Defesa Civil indicando o risco iminente de desabamento, moradores e moradoras realizaram intervenções artísticas nas paredes do Farol<sup>21</sup>, além da criação de uma campanha de mobilização com o “Manifesto Restauração do Farol Velho JÁ!”<sup>22</sup>, que obteve aproximadamente 2000 assinaturas. O Ministério Público do Estado do Ceará (MPCE) foi acionado e uma audiência pública foi realizada em 29 de junho de 2021, e a questão passou a ser acompanhada pelo MPCE através de um inquérito civil público<sup>23</sup>.

Ainda em 2021, mais precisamente em 9 de dezembro, moradorias foram surpreendidas com mais uma ação das políticas de remoção: desta vez, o Decreto



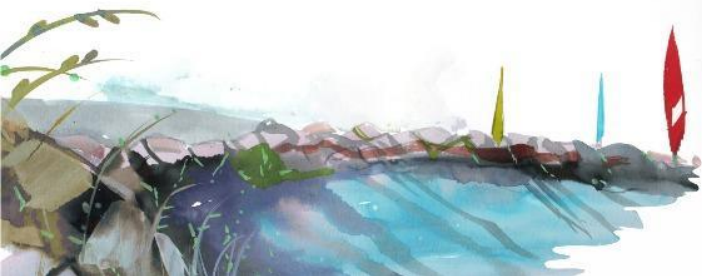
Estadual nº 34.451<sup>24</sup>, que declarava a desapropriação de aproximadamente 88 casas no entorno do Farol para a construção de uma praça e estacionamento.

Após anos de cuidados realizando a limpeza, o plantio, as ações culturais e de mobilização com inúmeras denúncias de moradorias em torno dos riscos de desabamento da estrutura do Farol, bem como de novas audiências com o MPCE<sup>25</sup>, o governo do Estado organizou editais públicos iniciando o estudo arqueológico e as escavações, processo acompanhado pelo IPHAN e posteriormente, em abril de 2025, dando a largada para o processo da restauração do equipamento.

A comunidade, após anos de dedicação, conquista a restauração do Farol com a revogação do decreto que previa a remoção de moradorias do seu entorno e, no momento da escrita deste texto, somos informados que a inauguração deve acontecer ainda em agosto, a luta atual se estabelecendo no sentido de garantir a *gestão compartilhada* do equipamento, considerando o compromisso da Secretaria de Cultura do Ceará em documento assinado no início das ações de restauro do Farol do Mucuripe, também conhecido e afirmado como Farol do Titanzinho.

### **Intervir nas imagens|Conversar com as memórias, uma (des)construção**

Somando-se às ações do Plano Popular, portanto, e afirmando o compromisso do Laboratório de colaboração na criação de um Circuito de Espaços de Memória Comunitária e Cultura Viva + Farol, um museu a céu aberto que rompe os formatos tradicionais afirmando o bairro e as experiências de seus e suas moradoras como memória viva, para o dia 14 de setembro de 2024, organizou-se a oficina “Intervir nas imagens|Conversar com as memórias”<sup>26</sup>, em consequência de uma série de rodas de conversa que já vinham sendo feitas no sentido de compartilhar e registrar os Espaços de Memória Viva do bairro. Neste encontro em específico, elaborado em aliança<sup>27</sup> com a Associação de Moradores do Titanzinho, a Comissão Titan e o Coletivo AudioVisual do Titanzinho, saímos em caminhada pelo bairro, fotografando espaços de memórias com o Farol e o Titanzinho, culminando em uma roda de conversa na qual algumas fotografias foram selecionadas para a atividade de invenção|intervenção, esta última em desdobramento realizado no dia 9 de novembro



de 2024<sup>28</sup>, dando ênfase ao gesto de criar intervenções nas fotografias feitas por moradores, um convite para pensar e reimaginar os espaços e as narrativas que nos conectam com o viver e conviver com o Titanzinho e o Farol. A partir das fotografias, participantes foram convidadas a trazer suas memórias e imprimir suas marcas, criando, com diferentes materiais, novas imagens e sensibilidades compartilhadas.

Paralelamente, e ainda como parte da Modulação<sup>29</sup> associada às ações do Plano Popular, um trabalho de gravação das memórias compartilhadas no/pelo bairro vinha sendo articulado em encontros das rodas de conversa<sup>30</sup> acima mencionadas, organizadas junto à Associação de Moradores, em um gesto de arquivo das memórias orais que, para além das imagens, compõem o que é e o que faz o Titanzinho e o Farol como coletividade e Espaço de Memória Viva.

Nesse gesto múltiplo da cidade, foi realizada uma curadoria, das imagens e memórias sonoras, para que, impressas em lambe, concretizando-se em um museu a céu aberto nas ruas do entorno do Farol, e que culminaram na XI Mostra AudioVisual do Titanzinho, realizada no dia 30 de novembro de 2024, como parte da programação de encerramento do VI SIATS. O Circuito Sensibilidades Compartilhadas: Espaços de Memórias Vivas + Farol do Titanzinho|Mucuripe, enquanto ação de museu de percurso, solidificou e se adensou ao Plano Popular da ZEIS Cais do Porto, atuando coletivamente com as memórias do bairro, no bairro, com o bairro, não exatamente na visibilização do que, antes, era invisível, mas mesmo no gesto de compartilhamento, mais concreto, daquilo que faz o Titanzinho e o Farol um lugar de luta na resistência frente aos projetos de desmonte e desocupação face à especulação imobiliária, grande forçante dos espaços litorâneos da cidade de Fortaleza.



# extremos

34º Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

o futuro não é o que vem depois, o futuro somos nós que construímos. qual é a construção que nós queremos?

Pedro Fernandes



“cheguei aqui no Farol com 20 anos, hoje estou aqui fazendo 80 anos... sei que sofri muito...mas a vida é assim mesmo ... se falar mais vou chorar.”

Loro das Carroças

Espaços com Memórias Vivas + Farol do Titanzinho | Mucuripe 2024



Imagem 1. Composição das fotografias (1a e 2a; autorias diversas), intervenções|invenções (1b e 2b; autorias diversas), e lambes das memórias (das falas de Pedro Fernandes e Seu Loro das Carroças). Digital, 10cm X 15cm. Design: lucas lins.



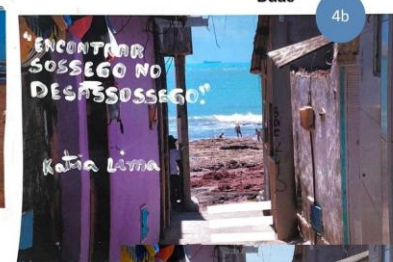
...a gente não vai fazer história (...) se a gente não falar das nossas memórias. (...) essas memórias que a gente não quer que acabem, de forma alguma.

Kátia Lima



é muito importante sempre lembrar das nossas memórias (...) a gente se sente até mais vivo, a gente tem algo pra contar.

Dudé



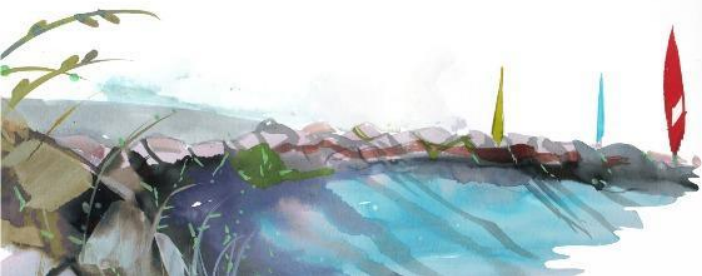
... gosto muito daqui, eu tô aqui há muitos anos (...) e pretendo ficar aqui, que aqui é bom demais.

Lucas

Espaços com Memórias Vivas + Farol do Titanzinho | Mucuripe 2024



Imagem 2. Composição das fotografias (3a, 4a, 5a, e 6a; autorias diversas), intervenções|invenções (3b, 4b, 5b, e 6b; autorias diversas), e lambes das memórias (das falas de Seu Lucas, José Araújo (Dudé), e Kátia Lima). Digital, 10cm X 15cm. Design: lucas lins.



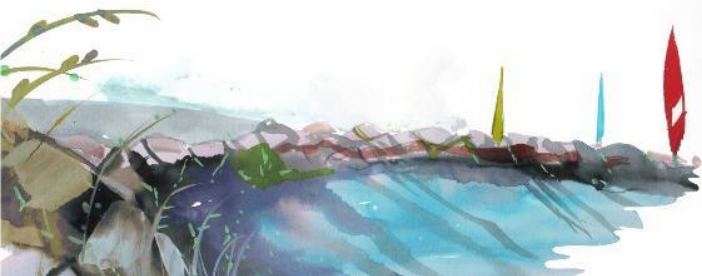
O trabalho com as imagens, tanto no gesto de fotografar quanto de intervir|inventar, propiciou um adensamento do exercício poético com a luta pela permanência e pela preservação da memória das pessoas moradoras do bairro, assim como daquelas que se articulam às ações. Nas imagens 1 e 2, elaboradas em composição das fotografias, das intervenções|invenções, e dos lambes compostos através da seleção de trechos dos depoimentos gravados nas rodas de conversa, é possível compreender, em nível mais profundo, a *poesis* que se faz no gesto de *fazer com* o bairro, *fazer com* as memórias. Passado, presente, e futuro se entremeiam no gesto de reflorestamento (como em 2a e 2b), assim como no gesto violento da substituição, no imaginário e na prática, das infâncias por construções fruto da especulação imobiliária (como em 5a e 5b). Na coletividade da companhia (como em 6a e 6b), expressa-se o que lembram Seu Lucas e Seu Loro das suas infâncias e vidas no bairro, assim como o que afirmam Pedro, Dudé e Kátia sobre o futuro que possibilitamos, agora, ao preservar o passado, através da valorização das memórias, vivas memórias.

## **Ruínas|Memórias vivas, um (des)enlace**

(...) a liberdade surge da interação cultural aberta, cheia de conflitos potenciais e desentendimentos. Parece-me que ela existe apenas em relação aos fantasmas. A liberdade é uma forma de negociação dos fantasmas em uma paisagem assombrada; ela não exorciza a assombração, mas ajuda a sobreviver a ela e negociá-la com habilidade (Tsing, 2022, p. 132).

Estamos diante de uma circunstância que nos faz permanecer com o problema, pois perturba e provoca debates necessários e urgentes que precisam ser levantados, forçando o pensamento mediante a lógica neoliberal e seu insustentável modelo de progresso, que insiste em projetar cidades do futuro sem considerar os aprendizados com o “passado que ainda está por vir” (Danowski e Castro, 2023, p. 20), tampouco as sabedorias que afirmam a urgência em nos atentarmos para a ancestralidade e sua presença no futuro (Krenak, 2022).

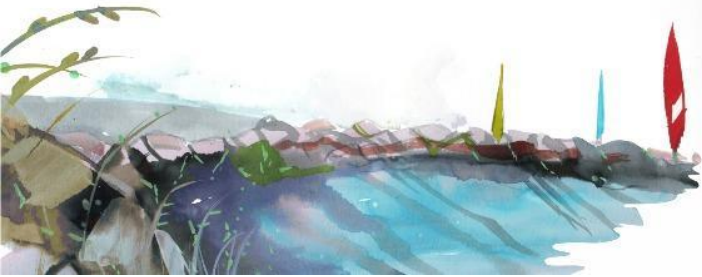
No arruinamento da palavra, deparamos-nos com as tensões não apenas da língua, mas dos usos e desusos da memória como matéria viva dos territórios geopolíticos e existenciais que fazem e nos fazem multipliCidades. Os processos (trans)formativos que interessam à pesquisa são aqueles que nos fazem habitar as cidades, convivendo



e aprendendo com os dissensos, as tensões, os conflitos e as contradições das muitas e distintas Fortalezas, um modo de conviver que faz eco à proposição de “aprender estando em situação, e não (...) sobre uma situação” apresentada por Stengers (2022, p. 25). Com as ruínas, tecemos, mais em questionamentos que em respostas, aprendizados com as poéticas e o sensível do *fazer com*, um fazer|saber coletivo e trans(in)disciplinar.

## Referências

- ANDRADE, Luiz Antônio Botelho; PEREIRA DA SILVA, Edson; LONGO, Waldimir Pirró e; PASSOS, Eduardo. A utopia da poiesis universitária. **Revista Educação Brasileira do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras - CRUB**, 24 (48/49): 61-78, 2002.
- BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2013.
- BASBAUM, Ricardo. **Manual do Artista-etc**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CESAR, Marisa Flório. O Ateliê do artista. *In*: **Arte & Ensaios**. Rio de Janeiro: EBA-UFRJ, 9 (9): 16-29, 2002.
- DANOWSKI, Déborah. Mundos sob os fins que vêm. *In*: DIAS, Susana Oliveira; WIEDEMANN, Sebastian; AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues (orgs.). **Conexões: Deleuze e Cosmopolíticas e Ecologias Radicais e Nova Terra e...** Campinas: ALB/ClimaCom, 2019, p. 85-96.
- DANOWSKI, Déborah; CASTRO, Eduardo Viveiros de. **O passado que ainda está por vir**. São Paulo: n-1, 2023.
- DOYON, Hélène; DEMERS, Jean Pierre. Manobras: Viúvas de Caça. **Revista Poiésis**, 13: 192-211, 2009.
- DOYON, Hélène; DEMERS, Jean Pierre. Tramar uma metodologia de pesquisa indisciplinar. *In*: MARINHO, Claudia; CAETANO, Patrícia; RIBEIRO, Walmeri (orgs.). **Das Artes e seus percursos sensíveis**. São Paulo: Intermeios, 2016. p. 177-193.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- GARCIA, Amanda Veloso. Outras percepções sobre humanidade e natureza para uma educação que colabore para adiar o fim do mundo. *In*: CARVALHO, Alonso Bezerra de (org.). **Educação, ética, interculturalidade e saberes decoloniais**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p. 331-358.
- GORCZEWSKI, Deisimer; MARTINS, Laryce Rhachel. SoprAr e InVentar - processos de criação com sons e palavras. *In*: GORCZEWSKI, Deisimer; LIMA, João Miguel Araújo; OLIVEIRA, Bruna Luyze Forte Lima; ALBUQUERQUE, Aline Mourão (orgs.). **Escrita**



**Cobogó: Invenção de Si, Cidades e UniverCidades.** Santa Maria: UFSM/PPGART, 2024, p. 242-263.

GORCZEWSKI, Deisimer, ALBUQUERQUE, Aline Mourão; DUARTE, Emília. Intervenções urbanas e audiovisuais: invenção de territórios e existências sensíveis. *In*: MENDES NETO, Francisco Milton; PELLANDA, Nize Maria Campos; DAS CHAGAS, Maria de Fátima de Lima (orgs.). **A técnica como potência do humano: conexão de saberes em saúde e educação.** Mossoró: EDUFERSA, 2024, p.234-248.

GUATTARI, Félix. **Caosmose.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: Martins Fontes, 2013.

HABIB, Ian Guimarães. **Corpos transformacionais: a transformação corporal nas artes da cena.** Dissertação (Mestrado em Dança) – Programa de Pós-Graduação em Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

KRENAK, Airton. **Futuro ancestral.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LATOUR, Bruno; YANEVA, Albena. **Dá-me um revólver e farei mover todos.** Tradução: Paulo Ávila; Pedro Bismarck. **Revista Punktó**, 2017. Disponível em: <<https://www.revistapunktó.com/2017/06/da-me-um-revolver-e-farei-mover-todos.html>>. Acesso em: 16 jun. 2025.

MATURANA, Humberto Romesín. **Emociones y lenguaje en educacion y Política.** 4ª ed. Santiago do Chile: Hachette/CED, 1991.

MATURANA, Humberto Romesín. Uma nova concepção de aprendizagem. **Revista Dois Pontos**, Belo Horizonte, 2 (15): 28-35, 1993.

MATURANA, Humberto Romesín. **Emoções na educação e na política.** 1ª ed. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

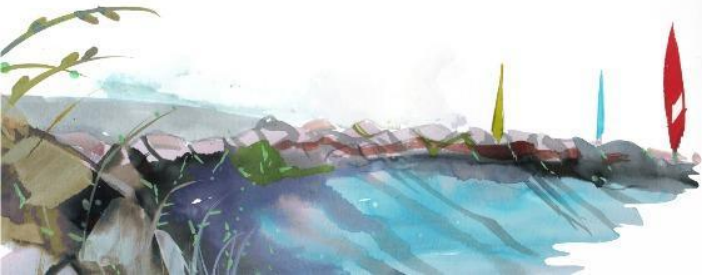
MOASSAB, Andréia. O patrimônio arquitetônico no século XXI: para além da preservação uníssona e do fetiche do objeto. **SURES – Revista Digital do Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História**, Foz do Iguaçu, 2: 23-39, 2013.

MOMBAÇA, Jota. Rastros de uma Submetodologia Indisciplinada. **Revista Concinnitas**, Rio de Janeiro, 1 (28): 334-354, 2016.

NOGUEIRA, André Aguiar. **Fogo, vento, terra e mar: Migrações, natureza e cultura popular no bairro Serviluz em Fortaleza (1960-2006).** Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

NOGUEIRA, André Aguiar. Da pesca ao surfe: natureza, cultura e resistência na praia do Titanzinho em Fortaleza. *In*: GORCZEWSKI, Deisimer (org.). **Arte que inventa afetos.** Fortaleza: Imprensa Universitária, 2015, p.143-153. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/15857>>. Acesso em: 16 maio 2021.

OLIVEIRA, Andréia Machado; GONCALVES, Eduarda; GORCZEWSKI, Deisimer. Editorial – Artes em Convívio: Os Processos e os Saberes no Contemporâneo. **Paralelo 31**, (18): 1-5, 2022.



**PLANO POPULAR ZEIS CAIS DO PORTO.** Fortaleza, 2022. Disponível em: <[https://drive.google.com/drive/folders/1j\\_NiYUh1LDwjr5pPGV26ShG5I334pMxH](https://drive.google.com/drive/folders/1j_NiYUh1LDwjr5pPGV26ShG5I334pMxH)>. Acesso em: 16 jun. 2025.

STENGERS, Isabelle. Reinventar a cidade? A escolha da complexidade. Tradução: Cecília Campello do Amaral Mello; Vladimir Moreira Lima Ribeiro. **Redobra**, Salvador, 16: 17-27, 2022.

TSING, Anna Lowenhaupt. **O cogumelo no fim do mundo:** sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. São Paulo: n-1 edições. 2022.

## Notas

<sup>1</sup> Entendemos vazio enquanto lugar de disputa, daquilo que não ocupa os lugares de evidência no social.

<sup>2</sup> Ailton Krenak (2020, p. 44) comenta em “A vida não é útil” sobre “[e]sse pacote chamado de humanidade [que] vai sendo descolado de maneira absoluta desse organismo que é a Terra, vivendo numa abstração civilizatória que suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos”. O “existir”/as “existências” aqui não são, portanto, trabalhos enquanto conceito, e sim em aliança com às falas de Krenak em pautar por “existir”/“existências”. Nesse sentido, pretendemos operar, nessa composição, o jogo da desistência como modo de não mais agir sob essa chave do descolamento, mas, deslocando essa matriz colonial; experimentar a *recusa*, a *fuga*, a *desistência* como, mais que resistência e resiliência, modos de continuar a existir.

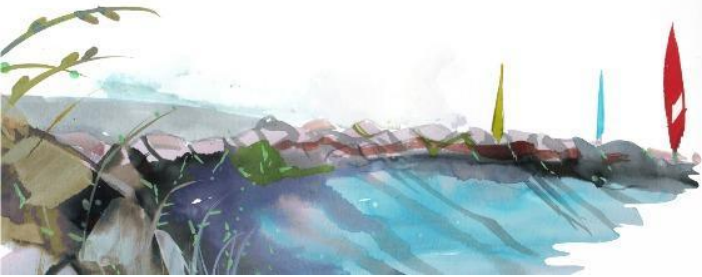
<sup>3</sup> Em desinência da “autopoiesis” elaborada por Francisco Varela e Humberto Maturana, Donna Haraway pensa a “simpoiesis” (da composição do grego *sym*, juntos, e *poiesis*, criação/produção) “para se referir ao gerar-com que é próprio dos seres complexos” (Garcia, 2022, p. 346). Em suas palavras, “Simpoiese é uma palavra simples, que significa “fazer com”. Nada se faz por si só; nada é realmente autopoietico ou auto-organizado. (...) Esta é uma implicação radical da simpoiese. *Simpoiese* é uma palavra apropriada para designar sistemas complexos, dinâmicos, responsivos, situados e históricos. Ela descreve a mundificação conjunta, em companhia. A simpoiese envolve a autopoiese, desdobrando-a e expandindo-a de maneira gerativa” (Haraway, 2019, p.119).

<sup>4</sup> Compondo uma tríade, a pesquisa *Fortalezas Sensíveis: processos (trans)formativos com as artes e as cidades* surge como desdobramento|continuidade das outras pesquisas – a saber: *Fortalezas Sensíveis: intervenções com a cidade* (2017-2020) e *Fortalezas Sensíveis: escritas com as cidades* (2020-2024) – com o desejo de intensificar as proposições poéticas e políticas ao acompanhar e inventar processos (trans)formativos que ativem encontros com modos de existência singulares e coletivos, no cotidiano das cidades e da universidade, mapeando e ocupando espaços comuns com experimentações artísticas que problematizem a relação entre arte, micropolítica e produção de subjetividades.

<sup>5</sup> No Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas (LAMUR|CNPq|UFC), apesar da maioria das pessoas participantes viver em Fortaleza, é importante observar que algumas residem e trabalham em outros estados, como Rio Grande do Norte e Rio Grande do Sul, além das que vieram de outras cidades para viver em Fortaleza, como do interior do Ceará, Bahia, Paraíba, Amazonas e Mato Grosso. Tais vindas e permanências, assim como as conexões que se mantêm de longe e as partilhas em conjunto nos tornam ainda mais capazes de fazer a pesquisa com as diferenças, mesmo não estando fisicamente juntas, confluindo saberes e vivências preciosas para os nossos estudos.

<sup>6</sup> Segundo Deleuze (2002, p. 56), “[a]fecção remete a um estado do corpo afetado e implica a presença do corpo afetante, ao passo que o afeto remete à transição de um estado a outro, tendo em conta variação correlativa dos corpos afetantes”.

<sup>7</sup> Pesquisas realizadas no LAMUR|CNPq, entre 2013 e 2023. Para mais detalhes, acesse o link do site: <<https://lamur-ufc.com/pesquisas>>.



<sup>8</sup> Esta escrita consiste em uma atualização de ideias apresentadas por Gorczewski & Martins (2024).

<sup>9</sup> Pensamos a trans(in)disciplinaridade enquanto um modo de operar a pesquisa de si e do mundo afeito ao transbordamento das fronteiras que segregam, por exemplo, Artes e Ciência enquanto campos de conhecimento isolados. A partir da proposição de uma atitude interdisciplinar da contribuição dos estudos de Hélène Doyon e Jean-Pierre Demers (2009; 2016), assim como dos estudos de uma submetodologia indisciplinada por Jota Mombaça (2016), buscamos levar em conta “(...) a multiplicidade das narrativas, das realidades e das verdades, optamos por uma atitude indisciplinar – segundo a qual, para se realizar um projeto, não se cessa de urdir várias disciplinas, artísticas ou não, como se tecem várias interações na construção de uma jornada. No entanto, uma característica recorrente de nossa prática artística se situa no fato de propor a obra em execução, quer pensemos na performance, que pelo gesto e ação oferece ao público as condições de sua realização; ou através da criação de situações ao seio das quais o indivíduo é convidado seja a construir, seja a participar no processo da obra, e isso, acontece tanto em lugares reputados da arte, como em contextos do cotidiano, incluindo a internet” (Doyon & Demers, 2009, p. 6).

<sup>10</sup> *Trans*, enquanto prefixo, apresenta a ideia de um outro lado, algo a ser atravessado, superado, transpassado em linearidade espaço-temporal. Nosso entendimento, porém, tem se aproximado dos estudos da transmutação, entendendo-a enquanto uma questão-portal, como discutido, por exemplo, por Ian Habib (2021), colocando-se aqui, entretanto, enquanto questão de estudo na ruína da palavra.

<sup>11</sup> Com o tema “Museu, Memória e Solidariedade”, mais detalhes da VIª edição do Seminário podem ser acessados através do site: <<https://siatsufc.com.br/programacao>>.

<sup>12</sup> O Plano Popular da ZEIS Cais do Porto, no Serviluz, em Fortaleza, está disponível através do link: <[https://drive.google.com/drive/folders/1i\\_NiYUh1LDwjr5pPGV26ShG5l3334pMxH?usp=share\\_link](https://drive.google.com/drive/folders/1i_NiYUh1LDwjr5pPGV26ShG5l3334pMxH?usp=share_link)>.

<sup>13</sup> Tais pesquisas podem ser consultadas através do site do Laboratório, disponível em: <<https://www.lamur-ufc.com/pesquisas>>.

<sup>14</sup> Esta escrita consiste em uma atualização de ideias apresentadas no capítulo “Intervenções urbanas e audiovisuais: invenção de territórios e existências sensíveis” de Deisimer Gorczewski, Aline Mourão de Albuquerque e Emília Schramm Duarte, que compõe o livro **A técnica como potência do humano: conexão de saberes em saúde e educação**, organizado, em 2024, por Francisco Milton Mendes Neto, Nize Maria Campos Pellanda, e Maria de Fátima de Lima das Chagas.

<sup>15</sup> “Eu venho das dunas brancas. Onde eu queria ficar (...). A Praia do Futuro. O farol velho e o novo. São os olhos do mar (...). Luzindo na madrugada. Abraços, corpos suados. Na praia falando amor”, letra da música “Terral”, de Ednardo (1974).

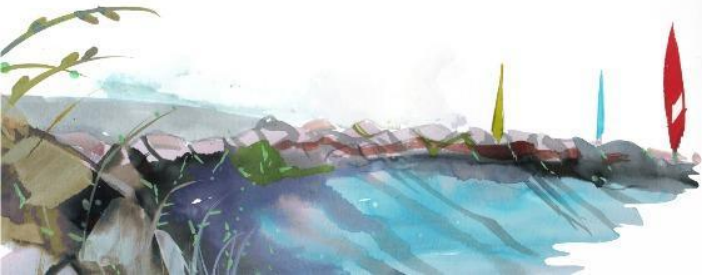
<sup>16</sup> Tombado pelo Estado segundo a lei nº 9.109 de 30 de julho de 1968, através do decreto nº 16.237 de 30 de novembro de 1983. Disponível em: <<https://www.secult.ce.gov.br/2013/01/04/farol-do-mucuripe>>. Acesso em: 06 jun. 2026.

<sup>17</sup> Matéria Jornal O POVO, de 14.03.2013, intitulada “Farol do Mucuripe tem histórico de abandono”. Disponível em: <<http://bit.ly/2tvBL0t>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

<sup>18</sup> Matéria Jornal Diário do Nordeste, de 13.02.2011, com o título: “Antigo farol dá sinais de abandono no Mucuripe”. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/antigo-farol-da-sinaisde-abandonono-mucuripe-1.38149>>. Acesso em: 05 de jul. 2017.

<sup>19</sup> A Mostra AudioVisual do Titanzinho acontece anualmente, com filmes feitos com o bairro Serviluz e, em 2025, chega à sua décima segunda edição. Mais detalhes disponíveis em: <<https://cineclubeserverluz.wordpress.com>>.

<sup>20</sup> Ações que podem ser vistas no vídeo “Limpeza do Farol|Atitude Comunitária” (disponível em: <[https://www.instagram.com/tv/CFc-0J4n\\_Pf](https://www.instagram.com/tv/CFc-0J4n_Pf)>, acesso em: 16 jun. 2025).



# extremos

34º Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

<sup>21</sup> Vídeo com imagens das intervenções artísticas e divulgação do Manifesto Restauração JÁ!. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CQuEH0cFclz>>. Acesso em: 25 maio 2025.

<sup>22</sup> Manifesto restauração do Farol Velho JÁ!. Disponível em: <<https://chng.it/pL4TZrNjPv>>. Acesso em: 25 maio 2025.

<sup>23</sup> Informações mais detalhadas podem ser encontradas no site do MPCE. Disponível em: <<https://mpce.mp.br/2021/07/mpce-cobra-restauracao-do-farol-do-mucuripe-em-fortaleza>>. Acesso em: 05 jun. 2025.

<sup>24</sup> Após inúmeras ações envolvendo as organizações comunitárias do bairro e instituições que atuam em aliança com moradores e moradoras, este decreto foi revogado pelo Decreto Estadual nº 35.971, de 25 de abril de 2024.

<sup>25</sup> Ver notícias “MPCE recomenda escoramento da laje do farol do Mucuripe em até dez dias” (disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2024/04/11/mpce-recomenda-escoramento-da-laje-do-farol-do-mucuripe-em-ate-dez-dias.html>>, acesso em: 28 maio 2025) e “MP do Ceará realiza visita técnica ao Farol do Mucuripe para verificar início da obra de restauração do edifício” (disponível em: <<https://mpce.mp.br/2024/06/mp-do-ceara-realiza-visita-tecnica-ao-farol-do-mucuripe-para-verificar-inicio-da-obra-de-restauracao-do-edificio>>, acesso em 28 maio 2025).

<sup>26</sup> Convite e resultados da atividade disponíveis em: <[https://www.instagram.com/p/C\\_0\\_zleSANF](https://www.instagram.com/p/C_0_zleSANF)> e <<https://www.instagram.com/p/DBG5hg5vkKQ>>.

<sup>27</sup> Compuseram a equipe de planejamento da Modulação Gisnayra Lopes, Kátia Lima, Jane Batista, e Deisimer Gorczewski, junto ao apoio de Pedro Fernandes, Sabrina Araújo, Jamile Souza, José Araújo (Dudé), Ana Clara Santos, Lucas Lins, Renato Zéro, e Lara Ramos. A atividade contou, ainda, com o apoio do Coletivo Quintau, da SerPonte, e do Instituto Trêsmars.

<sup>28</sup> Convite e resultados da atividade disponíveis em: <<https://www.instagram.com/p/DCHKAFSxoLD>> e <<https://www.instagram.com/p/DCXbNgFSXuJ>>.

<sup>29</sup> Enquanto intencionalidade trans(in)disciplinar, pensamos Modulações enquanto espaços em prática de um Ateliê expandido (Cesar, 2002), elaborados de modo transversalizado em tempo e espaço, isto é, em paralelo, apoiando-se uns com os outros, e circulando entre propostas teórico-práticas que se elaboram entre as pessoas pesquisadoras em coletivo junto a pessoas convidadas a compor, conversar, participar, compartilhar, re/avaliar, experimentar e desdobrar aspectos em pesquisa.

<sup>30</sup> As rodas de conversa que, reafirmando a proposição de fortalecer os espaços de memória comunitários, bem como a luta para garantir a restauração do Farol do Mucuripe com a gestão compartilhada com a comunidade, foram documentadas e cuja divulgação pode ser conferida através dos links disponíveis em: <<https://www.instagram.com/p/C5rFctYPEGo>>, <<https://www.instagram.com/p/C-BWBTKyg74>>, e <<https://www.instagram.com/p/C-SvuVzOKZ0>>.